



## **Soviet anti-Zionism and contemporary left-wing anti-Semitism**

(Antissionismo soviético e o antissemitismo contemporâneo de esquerda)

**Izabella Tabarovsky\***

ISGAP / London Centre for the Study of Contemporary Antisemitism

izabella.tabarovsky@gmail.com

**Abstract:** The article examines the Soviet Union's anti-Zionist campaign, highlighting its roots and implications for contemporary left-wing antisemitism. Over decades, Soviet propaganda linked Zionism to fascism, Nazism, and imperialism, using conspiratorial rhetoric to discredit the Jewish liberation movement and alienate Soviet Jews. The analysis emphasizes how these messages, orchestrated by the KGB and Communist Party ideologues, culminated in the UN's Resolution 3379, which declared Zionism a form of racism in 1975, and assesses the effects of this anti-Zionist narrative in the West, particularly within left-wing circles. The study concludes that, by instrumentalizing anti-Zionism for political purposes, the Soviet Union disseminated an ideology that, though presented as a political critique of Zionism, carried antisemitic undertones that continue to resonate in contemporary discourse.

**Keywords:** Soviet Anti-Zionism. Zionism. Antisemitism.

**Resumo:** O artigo examina a campanha antissionista da União Soviética, evidenciando suas raízes e implicações no antissemitismo contemporâneo de esquerda. Ao longo de décadas, a propaganda soviética associou o sionismo ao fascismo, nazismo e imperialismo, utilizando-se de retórica conspiratória para desacreditar o movimento de libertação judaica e alienar judeus soviéticos. A análise destaca como essas mensagens, conduzidas pela KGB e por ideólogos do Partido Comunista, resultaram na Resolução 3379 da ONU, que declarou o sionismo como racismo em 1975, e avalia os efeitos dessa narrativa antissionista no ocidente, especialmente nos círculos de esquerda. O estudo conclui que, ao instrumentalizar o antissionismo para fins políticos, a União Soviética disseminou uma ideologia que, embora apresentada como uma crítica política ao sionismo, carregava uma carga antissemita que se perpetua em discursos contemporâneos.

**Palavras-chave:** Antissionismo Soviético. Sionismo. Antissemitismo.

### **Introdução**

Em 1985, o Comitê Antissionista do Público Soviético, supervisionado pela KGB e conhecido pela sigla russa AKSO, publicou um panfleto intitulado “Aliança

---

\* Pesquisadora do ISGAP e do London Centre for the Study of Contemporary Antisemitism.



Criminosa do Sionismo com o Nazismo”. O panfleto relatava uma coletiva de imprensa realizada pelo Comitê alguns meses antes. O local da coletiva, o centro de imprensa do Ministério das Relações Exteriores da União Soviética, indicava o apoio oficial às mensagens que o AKSO pretendia transmitir. O panfleto foi traduzido para o inglês e distribuído no exterior pela Agência de Imprensa Novosti, um serviço de notícias e um importante braço da propaganda estrangeira soviética.

Como documento propagandístico que relatava um evento igualmente propagandístico, o panfleto pintava um quadro aterrador do sionismo. Membros seniores do AKSO, a maioria deles judeus soviéticos proeminentes (uma escolha intencional da KGB para desviar as acusações de antissemitismo), afirmavam ter provas irrefutáveis da cooperação sionista com os nazistas. Eles descreviam os sionistas como facilitadores do expansionismo nazista, acusavam-nos de inflar falsamente a importância do antissemitismo e da vitimização judaica durante a Segunda Guerra Mundial, e afirmavam que o acordo de 1930, que permitiu a transferência de 60.000 judeus alemães para a Palestina, havia “facilitado para os nazistas o desencadeamento da Segunda Guerra Mundial”. Alegavam que os sionistas haviam colaborado “no genocídio contra os ‘eslavos, judeus e alguns outros povos da Europa’”. Os oradores concluíram rejeitando, de antemão, quaisquer tentativas da “imprensa pró-sionista” de representar as afirmações do comitê como antissemitas; dissociaram os sionistas dos judeus e prometeram que o sionismo nunca conseguiria repudiar a “realidade histórica” da cooperação entre os sionistas e os nazistas.

O panfleto poderia ter sido lido como uma calúnia chocante que distorcia a história, caso não fosse parte integrante de uma enorme campanha antissionista soviética que entrou em uma fase particularmente ativa em 1967. Sua linguagem reflete a época – marcada por tensões da Guerra Fria, jargões propagandísticos que permeavam todos os aspectos da vida pública soviética, e uma virulenta demonização de Israel e do sionismo. A suposta colaboração sionista-nazista e a falsa equivalência entre os dois eram peças centrais da campanha.

Projetada pela KGB e supervisionada pelos principais ideólogos do Partido Comunista, a campanha obteve inúmeros sucessos. Para uma parte significativa do público interno e de alguns públicos estrangeiros, conseguiu esvaziar o sionismo de seu significado como movimento de libertação nacional do povo judeu, associando-o ao racismo, fascismo, nazismo, genocídio, imperialismo, colonialismo, militarismo e apartheid. Ela contribuiu para a adoção da infame Resolução 3379 da Assembleia Geral da ONU, em 1975, que declarou o sionismo como uma forma de racismo e abriu caminho para a demonização de Israel dentro dessa organização.



No decorrer da campanha, centenas de livros antissionistas e anti-Israel, bem como milhares de artigos foram publicados na União Soviética, com milhões de cópias circulando no país. Muitos foram traduzidos para línguas estrangeiras – inglês, francês, alemão, espanhol, árabe e muitas outras. Só em 1970, a comparação entre o suposto racismo sionista e nazista – apenas um dos inúmeros temas da campanha – foi mencionada 96 vezes (PINKUS, 1989, p. 256). A demonização do sionismo continuou em filmes, palestras e transmissões de rádio. Cartuns antissionistas, muitos com óbvias conotações antisemitas, eram uma característica regular das publicações soviéticas.

A campanha usou a considerável capacidade soviética de radiodifusão e publicação no exterior, bem como organizações de fachada e organizações comunistas e outras radicais de esquerda no Ocidente e em países do Terceiro Mundo, para transmitir suas mensagens ao público estrangeiro. O Departamento de Estado dos EUA via o comitê do AKSO como uma ferramenta importante dentro dessa campanha, classificando-o como uma ferramenta no arsenal soviético de “medidas ativas” – “operações encobertas ou enganosas realizadas em apoio à política externa soviética”.

A natureza antisemita dessa campanha era alarmante. Os principais autores que contribuíram com o conteúdo – muitos dos quais tinham ligações diretas com a KGB e a alta liderança do partido – baseavam-se fortemente em estereótipos antisemitas extraídos diretamente dos “Protocolos dos Sábios de Sião”. Alguns no grupo eram admiradores secretos de Hitler e do nazismo e usaram “*Mein Kampf*” tanto como uma fonte de ‘informações’ sobre o sionismo quanto como inspiração para suas próprias interpretações.

Os soviéticos rejeitavam veementemente as acusações de antissemitismo, argumentando que eram “truques sionistas” e “esquemas nefastos imperialistas”. Mas cerca de 2,6 milhões de judeus soviéticos sabiam a verdade. Em 1976, durante um dos picos da campanha, o ativista judeu soviético Natan Sharansky disse que sentia “o cheiro de pogrom no ar”.

O antissionismo virulentamente antisemita, que era tão central para a propaganda da União Soviética nos últimos anos, parece ter desaparecido da memória coletiva do Ocidente. No entanto, em um estranho *déjà vu* para aqueles que, como eu, viveram a campanha antissionista soviética ou a estudaram em detalhes, os mesmos temas e ideias que estavam em uso naquela época continuam a circular nos círculos antissionistas contemporâneos de extrema-esquerda.

Desenhos animados políticos que equiparam Israel à Alemanha nazista, que poderiam muito bem ter sido extraídos de jornais soviéticos, apareceram em blogs progressistas. O ex-prefeito de Londres e membro proeminente do Partido



Trabalhista, Ken Livingstone, afirmou que “Hitler apoiava o sionismo antes de enlouquecer e acabar matando seis milhões de judeus”. O clássico antissionista de Lenni Brenner de 1983, “Sionismo na Era dos Ditadores”, é construído em torno da suposta equivalência nazista-sionista. Referências ao sionismo e a Israel como racistas, imperialistas, coloniais, genocidas e de apartheid abundam no discurso contemporâneo de extrema-esquerda. O discurso antissionista do Partido Trabalhista do Reino Unido, que faz parte da atual crise de antissemitismo do partido, está repleto dos mesmos temas.

A semelhança levanta a questão das origens ideológicas desse discurso. Assim como é importante entender a herança ideológica da retórica antissemita da extrema-direita, é importante compreender as origens do discurso antissionista da extrema-esquerda, especialmente onde este se cruza com o antissemitismo. Podemos começar reexaminando o que o historiador Jeffrey Herf chama de “a mistura ideológica tóxica” que as campanhas comunistas antissionistas e anti-Israel abandonaram (HERF, 2016, p. 461).

## **1 O ‘sionismo internacional’ como uma conspiração mundial para destruir o socialismo e espalhar o imperialismo**

A percepção do sionismo como uma ideologia hostil começou a se consolidar na União Soviética após a Segunda Guerra Mundial, ao final da década de 1940, quando ficou evidente que Israel estava se alinhando ao chamado “campo imperialista” em vez de apoiar a União Soviética. As alegações de uma conspiração sionista se tornaram um elemento proeminente nos expurgos stalinistas. O julgamento de Slansky, em particular, destacou a ideia de um “sionismo internacional” como uma conspiração mundial com o objetivo de destruir o socialismo. Fabricado pelos serviços secretos soviéticos, o julgamento vinculou o sionismo a Israel, líderes judeus e ao imperialismo americano, transformando “sionismo” e “sionista” em rótulos perigosos que poderiam ser usados contra inimigos políticos. O julgamento abriu caminho para um antissemitismo feroz.

Na década seguinte, a imprensa soviética continuou uma ampla campanha anti-Israel. Essa campanha ganhou um impulso extra com o julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém. Os soviéticos estavam determinados a minar a legitimidade do julgamento, cujo foco no Holocausto desafiava o conceito soviético de vitimização eslava durante a Segunda Guerra Mundial. Uma das maneiras de fazer isso era atacar a relação diplomática de Israel com a Alemanha Ocidental, que os soviéticos pintavam como a ‘herdeira fascista’ da Alemanha nazista.

A conclusão ‘óbvia’ era que o sionismo era um aliado natural dos fascistas e nazistas. Traçar esse paralelo permitia aos soviéticos explorar um sentimento visceral. Para o



povo soviético, cujo sacrifício na Segunda Guerra Mundial foi imenso, o fascismo e o nazismo representavam o maior mal imaginável. Ao igualar o sionismo a esses dois, os arquitetos da propaganda soviética buscavam criar uma reação visceral — do tipo que não dependia de fatos, mas de um sentimento profundo.

Nos anos 1960, o arsenal de propaganda antissionista dos soviéticos se ampliou graças ao livro “O Judaísmo Sem Embelezamentos” de Trofim Kichko. Um tratado profundamente antissemita com caricaturas no estilo do *Der Stürmer*, o livro sugeria que o judaísmo, com seu conceito de que os judeus são um povo escolhido, era uma religião inerentemente racista e ligada ao imperialismo americano e ao colonialismo israelense. Uma das caricaturas mostrava um capitalista judeu estereotipado lambendo uma bota com uma suástica pintada nela.

Inicialmente, o livro gerou uma tempestade de indignação, inclusive de grupos esquerdistas estrangeiros, e os soviéticos o repudiaram — mas apenas temporariamente. Nos anos seguintes, Kichko se tornou um dos principais autores que contribuíram para o volume maciço de propaganda antissionista.

Além do avanço contínuo da suposta conexão nazista-sionista, seu livro introduziu uma ideia que os propagandistas soviéticos usariam repetidamente nas décadas seguintes: o sionismo era uma ramificação do judaísmo e, como tal, afirmava a superioridade racial judaica. Os soviéticos usariam essa linha repetidamente ao longo dos anos, inclusive na ONU, enquanto trabalhavam para a adoção da resolução ‘Sionismo é Racismo’.

## 2 O ponto de inflexão: A Guerra dos Seis Dias em 1967

No entanto, foi a guerra árabe-israelense de 1967 que realmente intensificou a campanha antissionista soviética. Para Moscou, que apoiava as forças árabes, a guerra foi uma derrota esmagadora, dando uma vitória ideológica clara ao campo ‘imperialista’. Em casa, a vitória de Israel serviu como catalisador para um despertar nacional entre os judeus soviéticos. De repente, o velho inimigo — o sionismo internacional e sua quinta coluna judaica interna — parecia estar ressurgindo. Era necessária uma nova ferramenta de propaganda para moldar a opinião pública em casa e no exterior.

Em 7 de agosto de 1967, um artigo intitulado “O Que é o Sionismo?” foi publicado simultaneamente em várias mídias soviéticas. O autor, Yuri Ivanov, funcionário da KGB e do aparato do Comitê Central, que se tornaria um dos principais escritores antissionistas da União Soviética, fundamentou-se em antigos estereótipos de conspiração e influência judaica. Ivanov retratou o sionismo como um sistema internacional centralizado, supostamente controlando a política global, as finanças e





os meios de comunicação, com recursos ilimitados e ambições de estabelecer um domínio monopolista sobre o mundo.

Seguiram-se artigos semelhantes, incluindo um de Trofim Kichko, que estava novamente favorecido pelo regime soviético. Em 1968, Kichko publicou um novo livro intitulado “Judaísmo e Sionismo”, no qual desenvolvia suas ideias anteriores, acusando o judaísmo pelos “crimes” dos “agressores” israelenses. “Há uma conexão direta entre a moralidade do judaísmo e as ações dos sionistas israelenses”, escreveu ele. “As ações dos extremistas israelenses em sua recente agressão contra os países árabes não estão de acordo com a Torá?”

O livro de Kichko foi um dos muitos textos soviéticos que tentaram mostrar que os males do sionismo podiam ser rastreados até o judaísmo. O judaísmo sempre foi o *bête noir* da luta soviética contra a religião, e foi perseguido com particular severidade. Mesmo enquanto algumas sinagogas continuavam a funcionar até os anos 1970 e 1980, o estudo do hebraico era proibido, e o treinamento da próxima geração de clérigos, igualmente, indicando que a liderança soviética claramente havia marcado o judaísmo para a extinção. O problema era que, ao pintar cada aspecto da religião e tradição judaicas de maneira negativa, as alegações soviéticas de que não eram antissemitas, mas simplesmente antissionistas, tornavam-se sem sentido.

A seguir, na linha de textos antissionistas soviéticos proeminentes, veio “Cuidado: Sionismo!”, de Ivanov. A imprensa estatal saudou o livro de 1969 com críticas elogiosas. A tiragem inicial de 70.000 exemplares foi seguida por mais três reimpressões. Nos primeiros anos da década de 1970, centenas de milhares de cópias estavam em circulação. O livro foi traduzido para dezesseis idiomas e se tornou um dos textos fundamentais do antissionismo soviético. Ele descreveu os sionistas como representantes de potências colonialistas-imperialistas, hostis aos trabalhadores da Palestina e que cultivavam uma sede insaciável de poder. Retrato o judaísmo como a religião mais desumana do mundo, aquela que gerou o nacionalismo mais cruel. A suposta conexão entre sionismo e fascismo recebeu tratamento detalhado, assim como a ideia de que “o militarismo israelense e o neonazismo da Alemanha Ocidental são alimentados pela mesma fonte”.

Assim como Kichko antes dele, Ivanov dedicou bastante espaço para detalhar a ideia do judaísmo de que os judeus são um “povo escolhido”, o que, segundo ele, demonstrava as supostas bases racistas do sionismo. Ele também se dedicou a desacreditar a ideia de uma única nação judaica. Ele chamou essa ideia de uma invenção sionista que era “falsa e reacionária em seu conteúdo”: essa noção, afirmou, impediu os judeus de se assimilarem confortavelmente em suas nações anfitriãs,



promovendo uma mentalidade de gueto, mantendo os judeus separados e, conseqüentemente, provocando o antissemitismo.

Algumas dessas ideias podiam ser rastreadas até o discurso bolchevique inicial sobre a questão judaica, mas no novo ambiente, elas tinham um novo propósito. Com o livro de Ivanov, os ideólogos soviéticos estavam enviando uma mensagem clara aos seus cidadãos judeus: assimilem-se ou serão vistos como adeptos da religião e ideologia mais racistas, reacionárias e genocidas do planeta — e sofrerão as conseqüências.

O livro foi lançado em um momento crucial. A Guerra dos Seis Dias levou a um despertar nacional entre os judeus soviéticos. A crescente conscientização sobre a tragédia do Holocausto (que os soviéticos haviam procurado suprimir internamente, em particular os aspectos judaicos da guerra de Hitler) estava fortalecendo a identidade judaica da população judaica soviética. À medida que a retórica antissemita do regime soviético se intensificava, mais judeus soviéticos começaram a procurar ajuda nos Estados Unidos e em Israel. Prisões e julgamentos por atividades sionistas começaram a ocorrer. Em 1970, um grupo de 16 *refusniks* tentou sequestrar um avião vazio para voá-lo em direção à liberdade. Eles foram presos antes mesmo de chegar ao avião. As duras sentenças recebidas pelo grupo – incluindo duas penas de morte, posteriormente comutadas após protestos internacionais – chamaram a atenção para sua causa no exterior. A campanha em favor dos judeus soviéticos começou a ganhar força no Ocidente.

Dentro do país, a cada vez mais antissemita campanha antissionista continuava sem cessar. Ivanov e Kichko estavam entre uma dúzia de ideólogos primários do antissionismo que, ao longo dos vinte anos de campanha, produziram cerca de cinquenta livros, com nove milhões de cópias em circulação, propagando “um antissionismo paranóico e conspiratório misturado com mensagens antissemitas, xenófobas e ultranacionalistas, combinadas com uma retórica anticapitalista e anti-Ocidente”, escreveu o historiador Andreas Umland. Os títulos incluíam “Fascismo Sob uma Estrela Azul”, que comparava o sionismo ao fascismo; “Dessionização” (este foi traduzido para o árabe e publicado na Síria em 1979 por ordem de Hafez al-Assad); e “Sionismo e Apartheid”, um tratado profundamente antissemita cujo autor era admirador da ideologia nazista e utilizava diretamente trechos de “*Mein Kampf*” para seus escritos.

### **3 Os judeus soviéticos e a analogia com o nazismo**

Em 1983, dois novos livros do mesmo gênero receberam atenção internacional graças às organizações judaicas americanas engajadas na campanha em favor dos judeus soviéticos. Um deles se chamava “No Curso da Agressão e do Fascismo”. O livro



detalhava a suposta “aliança criminosa do sionismo com os fascistas” e culpava os sionistas pelo extermínio de judeus não sionistas durante o Holocausto. O segundo, intitulado “A Essência de Classe do Sionismo”, declarava que os judeus eram uma “quinta coluna em qualquer país”. Os dois livros foram escritos por um notório antissemita com doutorado, Lev Korneev, e devem ter sido tão ofensivos a ponto de provocar um ato inesperado de protesto pessoal por parte de um estudioso soviético não judeu. No clima opressivo da URSS do início dos anos 1980, é duvidoso que alguém tenha seguido seus passos.

Cada publicação gerou inúmeras resenhas e “análises” direcionadas a diferentes públicos, incluindo militares, funcionários do partido, sindicatos e juventude. A Academia desempenhou um papel importante ao conferir legitimidade ao esforço por meio de seus artigos “acadêmicos”. Relatando essa produção, o *Washington Post* observou, em 1979: “Os burocratas soviéticos rejeitam veementemente as sugestões de que 'antissionismo' significa 'antisemitismo'. Mas, para muitos judeus soviéticos, é uma distinção sem diferença.”

A campanha não se baseava apenas na palavra impressa. Os soviéticos produziram vários documentários para apoiar a campanha. Um deles se chamava “O Oculto e o Aparente: Metas e Ações dos Sionistas”. Com sua manipulação de imagens históricas, simbolismo profundamente antissemita e associações entre sionismo e nazismo, o filme foi considerado tão inflamável que sua exibição foi restrita a públicos específicos. Embora nunca tenha sido lançado ao público em geral, o filme — hoje disponível online — permanece como um testemunho visual impactante das profundas conexões entre o antissionismo de estilo soviético e o antisemitismo.

O que impulsionava essa campanha era a aparente convicção dos soviéticos de que uma vasta conspiração sionista realmente existia e visava minar tanto a União Soviética quanto o socialismo. Quanto mais o Ocidente criticava o histórico soviético de direitos humanos e o tratamento da minoria judaica, e quanto mais os judeus soviéticos expressavam o desejo de emigrar, mais as autoridades se sentiam confirmadas em sua crença, intensificando ainda mais a campanha.

As autoridades mobilizaram inúmeros recursos para desacreditar a própria ideia de emigração. Alegavam que aqueles que haviam emigrado experimentavam nada além de miséria no exterior e imploravam para voltar. Para os públicos estrangeiros, a mensagem era que a discriminação contra seus cidadãos judeus era uma ficção e que os judeus soviéticos não tinham desejo de deixar sua pátria. Para públicos estrangeiros de língua inglesa em particular, foram publicados panfletos em inglês pela mesma Editora Novosti que distribuía outras propagandas antissionistas soviéticas no exterior. Seus títulos falavam por si: “Judeus Soviéticos: Fato e Ficção”;





“Os Enganados Testemunham: Sobre a Situação dos Imigrantes em Israel”; e “Enganados pelo Sionismo”.

Na metade da década de 1970, a KGB considerou a suposta ameaça sionista tão grave que decidiu criar um departamento especial focado exclusivamente no combate ao sionismo. As organizações judaicas americanas eram vistas como um elo particularmente estratégico dentro da presumida conspiração sionista antissoviética. Os soviéticos acreditavam que o movimento internacional em defesa dos judeus soviéticos era uma manipulação cínica, orquestrada pelos altos escalões para manchar a imagem soviética no exterior e interferir em seus assuntos internos. Inúmeros artigos foram dedicados a desacreditar esse movimento. Segundo o jornalista investigativo israelense Ronen Bergman, os serviços de inteligência soviéticos miraram várias das organizações envolvidas, buscando desacreditá-las e semear discórdia e confusão em suas fileiras.

No início dos anos 1980, as relações entre os EUA e a União Soviética atingiram um novo ponto baixo, e as demandas por emigração estavam aumentando. O recém-criado Comitê Antissionista do Público Soviético proporcionou o impulso propagandístico necessário, produzindo folhetos e realizando conferências de imprensa sobre os males de Israel e do sionismo, inclusive para públicos estrangeiros. Em um artigo de 1983 no *‘Pravda’* anunciando o lançamento do Comitê, seus membros declararam o sionismo como uma concentração de "nacionalismo extremo, chauvinismo e intolerância racial, justificativa para a tomada de territórios e anexação, aventuras armadas, culto à arbitrariedade política e impunidade, demagogia e sabotagem ideológica, manobras sórdidas e perfídia". Uma transmissão da TASS em 1985, comentando um dos folhetos do comitê em inglês, anunciou:

Os líderes sionistas são responsáveis pela morte de milhares de judeus aniquilados pelos nazistas. Foram precisamente os sionistas que ajudaram os carniceiros nazistas, ajudando-os a compilar as listas dos condenados nos guetos, escoltando-os até os locais de extermínio e convencendo-os a se resignar aos carniceiros.

#### 4 Guerra política global

Os soviéticos não se limitavam a combater o sionismo dentro de suas fronteiras. Um inimigo como esse tinha de ser combatido em várias frentes, incluindo por meio da guerra de informações no exterior. Para isso, eles tinham à disposição um poderoso aparato de mídia estatal cujo objetivo era “espalhar a verdade sobre a União Soviética em todos os continentes”.<sup>1</sup> Ele publicava inúmeros jornais e revistas com

---

<sup>1</sup> HAZAN, 2017, p. 49.



uma tiragem combinada de dezenas de milhões de cópias por ano em inglês, alemão, espanhol, hindi, francês, árabe e outras línguas. A Rádio Moscou transmitia mais de 1.000 horas por semana, em oitenta idiomas, para a Europa, o Oriente Médio, a África do Norte e Subsaariana e as Américas. O principal braço de radiodifusão estrangeira da União Soviética e principal veículo de propaganda estrangeira, a Agência de Imprensa Novosti, trabalhava em mais de 110 países. Uma de suas tarefas era construir relações com a imprensa local.<sup>2</sup> Inúmeras sociedades de amizade foram estabelecidas pelos soviéticos no exterior, bem como organizações de fachada destinadas a promover os interesses internacionais soviéticos, mobilizar simpatizantes e oferecer apoio propagandístico.<sup>3</sup>

As relações soviéticas com a mídia local significavam que eles podiam contar com esses veículos, sempre que necessário, para inserir itens pré-fabricados de natureza propagandística ou de desinformação no fluxo de notícias global. A Novosti então captava essas notícias e as disseminava em toda a sua rede.<sup>4</sup> Foi dessa forma que os soviéticos obtiveram um de seus maiores sucessos de desinformação da Guerra Fria: fazer com que o âncora da CBS, Dan Rather, transmitisse para milhões de espectadores uma versão de uma história fabricada pela KGB, alegando que cientistas americanos haviam inventado o vírus da AIDS para matar afro-americanos e homossexuais.

Os soviéticos estruturaram suas mensagens antissionistas estrangeiras de acordo com suas prioridades de política externa específicas para aquele país ou público. “O sionismo desempenhava o papel de um espantalho”, disse-me o historiador israelense Nati Cantorovich. “Na África, tratava-se do apartheid sul-africano e do sionismo. Na América Latina, tratava-se do imperialismo americano e do sionismo. Na Ásia, era sobre o revanchismo japonês e o sionismo.”

Em 1970, por exemplo, o “*Soviet Weekly*”, um veículo soviético em inglês direcionado ao Reino Unido, republicou, em quatro edições consecutivas, um artigo que definia o sionismo como “não tanto o movimento nacionalista judaico que costumava ser, mas uma parte orgânica da maquinaria imperialista internacional – principalmente americana – para a execução de políticas neocolonialistas e subversão ideológica”.<sup>5</sup> Em 1977, a mesma publicação imprimiu um artigo intitulado “Por Que Condenamos o Sionismo”, que proclamava o sionismo como uma doutrina racista e caracterizava os israelenses como “herdeiros dignos do Nacional-Socialismo de Hitler”.<sup>6</sup> Vários

---

<sup>2</sup> HAZAN, 2017, p. 31, 34-61.

<sup>3</sup> HAZAN, 2017, p. 103-14.

<sup>4</sup> HAZAN, 2017, p. 49.

<sup>5</sup> HAZAN, 2017, p. 150.

<sup>6</sup> WISTRICH, 2012.



programas de rádio da África, em inglês, francês e português, transmitidos no mesmo dia em 1973, afirmaram que o sionismo tinha “afinidade ideológica com o racismo sul-africano” e era “parte da estratégia global do imperialismo contra os movimentos de libertação”.<sup>7</sup>

Numerosos livros antissionistas soviéticos foram traduzidos e distribuídos no exterior. De acordo com o repórter investigativo israelense Ronen Bergman, o tratado antissionista soviético de 1979 intitulado “O Livro Branco” foi distribuído a uma variedade de públicos em trinta e dois países, incluindo líderes do Partido Comunista dos EUA e do Canadá, membros do parlamento, ministros e ativistas sociais de diferentes países, bibliotecas, bem como representantes de organizações internacionais, bibliotecas e instituições de ensino superior. Entre os folhetos de propaganda em inglês publicados pela Novosti estavam: “Sionismo: Instrumento de Reação Imperialista”, “Opinião Soviética sobre os Eventos no Oriente Médio”, “As Aventuras do Sionismo Internacional”, “O Antissovietismo – Profissão dos Sionistas”, “O Sionismo Contabiliza o Terror”, entre outros.

Membros seniores do Comitê Antissionista do Público Soviético regularmente publicavam artigos na imprensa estrangeira e se dirigiam a audiências internacionais. O chefe do comitê, o general David Dragunsky, participou das transmissões soviéticas em hebraico direcionadas a Israel. Em outubro de 1983, ele apareceu na Rádio Damasco para vangloriar-se dos sucessos do Comitê e afirmar que seu trabalho antissionista estava recebendo amplo apoio de fora da URSS, incluindo de Israel. Ele assegurou ao público sobre a estreita relação do Comitê com o mundo árabe e, especialmente, com a Síria. A Síria era um dos estados mais militantemente antissionistas no Oriente Médio, e o tratado de amizade soviético-sírio de 1980 nomeava especificamente o sionismo como um inimigo comum. Ao transmitir sua mensagem antissionista ao público sírio, Dragunsky estava ajudando amiga aos objetivos da política externa soviética em relação ao país.<sup>8</sup>

A literatura antissionista em árabe constituía uma parte fundamental da propaganda soviética direcionada ao Oriente Médio. Segundo Bergman, essa literatura serviu como material de referência para a tese de doutorado de Mahmoud Abbas, defendida em 1982. No início da década de 1980, Abbas estava matriculado na Universidade Patrice Lumumba, em Moscou, uma instituição voltada para formar futuras elites do Terceiro Mundo em marxismo-leninismo e prepará-las como influenciadores pró-soviéticos.<sup>9</sup> Abbas defendeu sua tese no Instituto de Estudos Orientais de Moscou, uma importante unidade da Academia de Ciências, que

---

<sup>7</sup> HAZAN, 2017, p. 152.

<sup>8</sup> KOREY, 1989, p. 35.

<sup>9</sup> HAZAN, 2017, p. 87-88.



regularmente produzia trabalhos "acadêmicos" com o objetivo de demonizar o sionismo e Israel. Durante o período de Abbas, o Instituto era dirigido por Yevgeny Primakov, um arabista com vínculos estreitos com a inteligência soviética no Oriente Médio, que viria a chefiar o SVR, a agência de inteligência estrangeira da União Soviética. A nomeação pessoal do orientador de Abbas por Primakov reflete a importância atribuída pelos estabelecimentos soviéticos de política externa e inteligência à formação acadêmica desse já destacado líder palestino.

A tese de Abbas foi publicada como livro em 2011, em árabe, sob o título "O Outro Lado: A Relação Secreta entre o Nazismo e o Sionismo". Vários trechos do livro, reproduzidos no artigo de Bergman, replicam alguns dos principais argumentos da campanha antissionista soviética, incluindo aqueles sobre a suposta colaboração sionista com os nazistas durante o Holocausto e a desconfiança quanto ao número de vítimas do Holocausto.

Uma peça particularmente curiosa de falsificação histórica que entrou no livro de Abbas dizia respeito à captura de Adolf Eichmann pelo Mossad. Segundo Bergman, Abbas escreveu que o Mossad sequestrou Eichmann para impedir que o alto oficial nazista revelasse o segredo do papel dos sionistas na Solução Final.

Curiosamente, o mesmo boato foi utilizado por um membro do Comitê Antissionista do Público Soviético em uma coletiva de imprensa em Moscou, em junho de 1983. No evento, Yuri Kolesnikov, autor de inúmeras obras demonizando o sionismo e Israel, afirmou que, durante a guerra, os sionistas estavam "em conluio com a Gestapo e a SS" e que os israelenses executaram Eichmann anos depois "para impedir que os 'segredos sagrados' dessa colaboração fossem revelados ao público". A repetição da mesma provocação por essas duas pessoas, que compartilhavam uma conexão com as estruturas de propaganda e inteligência soviéticas, mostra que estavam baseando suas alegações antissionistas na mesma fonte.

## **5 Os legados tóxicos do antissionismo antisemita soviético**

Ainda não compreendemos completamente como a propaganda antissionista soviética influenciou o mundo. Nos casos individuais em que essa influência é evidente, torna-se claro o quão negativamente ela impactou a vida dos judeus ao redor do globo.

Um exemplo dessa influência é documentado no livro de Dave Rich, *"The Left's Jewish Problem: Jeremy Corbyn, Israel and Anti-Semitism"*. Rich detalha como a adoção da resolução "Sionismo é Racismo" pela ONU – um esforço promovido pelos soviéticos por uma década – abriu caminho para que os sindicatos estudantis britânicos restringissem as atividades e o financiamento de sociedades judaicas nos campi, ou até mesmo as proibissem.



A lógica era simples: a ONU determinou que o sionismo é racismo; as sociedades judaicas declaram seu apoio a Israel; logo, as sociedades judaicas são racistas e não podem ser toleradas no campus. Os sindicatos estudantis britânicos “fizeram isso principalmente por razões antirracistas honradas, mas ao fazê-lo, descobriram algo perturbador”, escreve Rich. “Quando você usa a ideia de 'sionismo é racismo' como base para a política prática, pode acabar com uma campanha antissemita” (RICH, 2016).

Em julho de 1990, menos de um ano antes do colapso da União Soviética, o “*Pravda*” publicou um editorial admitindo os erros da campanha antissionista dos últimos 25 anos. “Consideráveis danos foram causados por um grupo de autores que, enquanto fingiam lutar contra o sionismo, começaram a ressuscitar muitas noções da propaganda antissemita das Cem Pretas e de origem fascista”, dizia. “Escondidos sob a fraseologia marxista, eles apresentaram ataques grosseiros à cultura judaica, ao judaísmo e aos judeus em geral.” No entanto, os danos infligidos por duas décadas de campanha não poderiam ser desfeitos com um único editorial. Uma pesquisa soviética de 1990 mostrou que uma porcentagem significativa dos cidadãos soviéticos acreditava que o sionismo era “a política de estabelecimento da supremacia mundial dos judeus” e uma “ideologia usada para justificar a agressão israelense no Oriente Médio”.

Entre as organizações que ganharam destaque com o afrouxamento dos controles sobre a sociedade civil durante a *perestroika* estavam as virulentamente antissemitas *Pamyat* (Memória) e *Otechestvo* (Pátria), que misturavam ideias fascistas e neonazistas com uma forma particular de ultranacionalismo étnico russo. Alguns de seus líderes eram os mesmos ideólogos que haviam fabricado a campanha antissionista soviética. No verão de 1988, enquanto a Igreja Ortodoxa Russa se preparava para celebrar o milênio do cristianismo, rumores de pogroms iminentes lançaram os judeus do país em pânico. Dois milhões de judeus deixaram o país na década seguinte.

**Conclusão: onde e quando usaram o antissionismo para seus propósitos políticos, o antissemitismo floresceu’**

Uma das lições que a campanha antissionista soviética tardia ensina é que o antissionismo e o antissemitismo têm sido historicamente profundamente e, possivelmente, inextricavelmente interligados. Fiéis às suas doutrinas ideológicas, os soviéticos nunca atacaram os judeus em termos puramente racistas. Acusados de antissemitismo, eles indignadamente afirmavam que eram simplesmente antissionistas. Mas onde e quando usaram o antissionismo para seus propósitos políticos, o antissemitismo floresceu.





Exemplos de outros países reforçam esse ponto. A campanha antissionista da Polônia em 1968 rapidamente degenerou em uma caça às bruxas antissemita, resultando em expulsões e emigração forçada de cerca de 15.000 judeus. Uma investigação recente sobre a *Women's March* nos Estados Unidos revelou antissemitismo grosseiro oculto por trás da retórica antissionista de seus líderes. O antissionismo ostensivo do Partido Trabalhista do Reino Unido foi revelado – inclusive mais recentemente por esta publicação – como uma fachada para sentimentos antissemitas vulgares e racistas.

Hoje, à medida que alguns dos principais formadores de opinião da esquerda buscam construir um consenso em torno da ideia de que o antissionismo e o antissemitismo não são a mesma coisa, entender essa história é de vital importância. Como escrevi em outro lugar, afirmar que o antissionismo e o antissemitismo não são a mesma coisa pode ser um exercício intelectual interessante. O que acontece na prática é outra questão.

Em sua essência, a campanha antissionista soviética de 1967-1988 foi uma campanha de propaganda e desinformação. Ela construiu e armou narrativas baseadas em fatos inventados ou distorcidos. Distorceu a história. Empregou ferramentas clássicas de propaganda, como engano, culpa por associação e repetição, para inculcar as mensagens-chave. Ela jogou descaradamente com os sentimentos das pessoas e usou tanto judeus soviéticos quanto muçulmanos como instrumentos de propaganda.<sup>10</sup>

Apesar de suas alegações, a campanha antissionista soviética dificilmente foi motivada por uma busca por justiça, paz ou libertação do povo palestino. Concebida por mestres propagandistas, foi um instrumento cujo propósito era desviar a atenção, manipular, solidificar o controle, expurgar inimigos e ampliar a influência de um dos regimes mais opressivos da história.

Um truque particular do antissionismo soviético, de acordo com o historiador israelense Kiril Feferman, era que ele “propôs uma versão do antissemitismo para o público ocidental que não tinha conotações antissemitas óbvias”. Fez isso ao substituir o antissionismo pelo antissemitismo em sua propaganda, o que a tornava aceitável para muitos indivíduos bem-intencionados e idealistas que, de outra forma, teriam se afastado dessa retórica com nojo. No entanto, sob a superfície relativamente inofensiva, as mensagens da campanha carregavam uma poderosa carga antissemita.

As mensagens provenientes do campo antissionista da extrema-esquerda de hoje são surpreendentemente semelhantes às mensagens das campanhas antissionistas soviéticas. Desde as alegações de colaboração sionista com os nazistas no Holocausto até a ideia de que o sionismo é uma ideologia inerentemente racista e opressora,

---

<sup>10</sup> HAZAN, 2017, p. 230-293.



passando pelo conceito de que Israel é um estado colonialista que pratica genocídio e apartheid – todas essas ideias faziam parte do discurso antissionista soviético.

Mais pesquisas são necessárias para esclarecer a trajetória e o impacto das ideias que a campanha antissionista soviética tardia trouxe à tona. O antissionismo soviético tomou emprestado os ‘Protocolos dos Sábios de Sião’ dos czares e a propaganda nazista de Hitler; adaptou essas ideias ao seu quadro marxista-leninista; e acabou fertilizando as ideologias do ultranacionalismo russo pós-soviético. Seus preceitos ideológicos também influenciaram a esquerda global e sua visão do sionismo e de Israel? Em caso afirmativo, até que ponto? É possível que algumas dessas ideias tenham sobrevivido ao sistema que as produziu? Responder a essas perguntas é encontrar um elo crucial que falta em nossa compreensão do antissemitismo contemporâneo de esquerda.

### Referências

CANTOROVICH, Nati. Soviet Reactions to the Eichmann Trial: A Preliminary Investigation 1960–1965. *Yad Vashem Studies*, v. 35, n. 2, p. 103, jan 2007.

FRANKEL, Jonathan. *The Soviet Regime and Anti-Zionism: An Analysis*. Jerusalem: Hebrew University of Jerusalem, Soviet and East European Research Centre, 1984.

FRIEDGUT, Theodore H. Soviet anti-Zionism and Antisemitism—another cycle. *Soviet Jewish Affairs*, v. 14, n. 1, p. 3-22, 1984.

GJERDE, Asmund Borgen. The logic of anti-Zionism: Soviet elites in the aftermath of the Six-Day War. *Patterns of Prejudice*, v. 52, n. 3-4, p. 271-292, 2018.

HAZAN, Baruch A. *Soviet Propaganda: A Case Study of the Middle East Conflict*. New York: Routledge, 2017.

HEREF, Jeffrey. *Nazi Propaganda for the Arab World*. New Haven & Londres: Yale University Press, 2009.

HEREF, Jeffrey. *Undeclared Wars with Israel: East Germany and the West German Far Left, 1967–1989*. Nova York: Cambridge University Press, 2016.

KOREY, William. *Russian antisemitism, Pamyat, and the demonology of Zionism*. New York: Routledge, 2013. [1995, Harwood Academic Press].

KOREY, William. The Soviet public anti-Zionist committee: an analysis. In: FREEDMAN, Robert O. (ed.). *Soviet Jewry in the 1980s: the politics of anti-semitism and emigration and the dynamics of resettlement*. London: Duke University Press, 1989.

LIPSTADT, Deborah. *The Eichmann trial*. New York: Schocken, 2011.



PINKUS, Benjamin. *The Jews of the Soviet Union: the history of a national minority*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

RICH, Dave. *The left's Jewish problem: Jeremy Corbyn, Israel and anti-semitism*. London: Biteback Publishing, 2016.

SHNIRELMAN, Victor. *Russkoye rodnoveriye: neoyazychestvo i natsionalism v sovremennoi Rossii*. St. Andrew Biblical-Theological Institute, 2012.

UMLAND, Andreas. Soviet antisemitism after Stalin. *East European Jewish Affairs*, v. 29, n. 1-2, p. 159-168, 1999.

WISTRICH, Robert. *From ambivalence to betrayal: the left, the Jews, and Israel*. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2012.

**Tradução:** Matheus Alexandre de Araújo\*

-----

Enviado em: 11/11/2024

Aprovado em: 15/11/2024

---

\* Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS-UFC).